

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

SARAH PIMENTA MIRANDA PÁDUA

**CIA LÁBIOS DA LUA, GAMA CITY - DF: Contribuições de um espaço cultural e
teatro comunitário no ensino básico de artes**

**Brasília
2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

SARAH PIMENTA MIRANDA PÁDUA

CIA LÁBIOS DA LUA, GAMA CITY - DF: Contribuições de um espaço cultural e teatro comunitário no ensino básico de artes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para conclusão do curso de Graduação em Artes Cênicas, habilitação Licenciatura.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Luciana Hartmann.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as forças divinas que conduziram meus caminhos até a arte-educação. Obrigada por guiarem as escolhas do meu coração.

Agradeço as minhas bases de vida.

Minha mãe Adriana, meu pai Edmilson, minha irmã Bárbara e minha avó Etelvina.

Agradeço a vida e ao suporte de amor das minhas cachorrinhas Bolinha e Aurora por entenderem em momentos que as palavras não eram suficientes.

Agradeço aos meus amigos por estarem comigo em tantos movimentos e aprendizados. Obrigada por sentirem comigo. Em especial Luana Izabel e Rannáh Braga.

Agradeço à minha orientadora Luciana Hartmann por toda troca e paciência.

Agradeço a banca que aceitou avaliar essa pesquisa.

Agradeço a cidade do Gama por ser palco de tantas histórias e construções pessoais.

Agradeço imensamente a todos os voluntários integrantes do espaço cultural Cia Lábios da Lua. Obrigada especialmente a Divino, Elis, Valerio, Juliana, Shaylla, Matheus, Pedro e Cecília. Essa pesquisa tem um pouco de todos nós.

Agradeço a oportunidade de me graduar numa universidade pública de qualidade e por poder retribuir para o Gama um pouco de tudo que vivi.

Como canta Emicida: Jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia.

RESUMO

Este trabalho busca investigar a importância dos espaços culturais situados nas periferias do Distrito Federal e as contribuições pedagógicas do teatro comunitário para a formação do ensino básico, tendo como foco o espaço cultural Cia Lábios da Lua, localizado na Região Administrativa Gama-DF, sua história e suas contribuições para a cultura da cidade do Gama. O material e metodologia de pesquisa foram entrevistas informais com fundadores, participantes, oficinairos, e o processo de criação desenvolvido com o grupo de teatro do espaço, além de minha própria experiência como atriz e oficinaira no grupo. A partir desse material foi possível refletir de forma experienciada as contribuições do espaço cultural para o aprendizado e a sensibilização artística. Através das vivências das oficinas de teatro, artes visuais, produção e música, foi possível acessar diversos conhecimentos, que aplicados desenvolvem diversas habilidades, tendo um efeito dialógico e educacional. Como referências teóricas foram acessados artigos sobre teatro comunitário, comunidade, periferia e Teatro do Oprimido, tendo como inspiração textos de Augusto Boal, Márcia Pompeo Nogueira, Marcos Jankevius, Paulo Freire, Tiaraju D'andrea e Walquiria Pereira Batista.

Palavras-Chave: Teatro Comunitário, Cia Lábios da Lua, Educação básica, .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I: RAÍZES E CONEXÕES: Quem ama mora no Gama.....	10
CAPÍTULO II: REFLEXÕES DE TANTOS CAMINHOS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO I.....	38

INTRODUÇÃO

Meu pai, sempre que chegávamos em casa, falava, assim que estacionava; “fomos e vortemos, tamo aqui porque chegemos”, fosse de um dia de escola e trabalho, ou de uma viagem longa em família. Minha mãe, meu pai, minha irmã mais velha e eu somos um quarteto fantástico, e pelo meu pai, que também sempre alegou ter sangue verde, em função do time de coração que tem as cores verde e branco como tema, somos gamenses. Mas eu não sou gamense só de time, sou de registro, nascida no Hospital Regional do Gama, criada na 36 do leste e, mesmo o mundo puxando-me para longe, a frase do papai, sempre se faz verdadeira, sempre voltarei.

Este trabalho demonstra um sentimento de gratidão pelas minhas raízes e realiza o desejo de uma jovem Sarah caloura em poder contribuir para a cultura local. O Gama foi meu primeiro palco, a igreja da quadra, as escolas, o Cine Itapuã, os desfiles de aniversário da cidade, cada pedacinho de apresentação constituiu a pesquisa que se desenvolve a seguir, mas para fazer curta a longa história, vamos focar em um pequeno pedaço dos meus 23 anos de vivência. Minha mãe é pedagoga e eu vivi durante muitos anos sendo a filha da professora da escola. Minha mãe sempre trabalhou em escolas particulares e as escolas disponibilizam, quase sempre, bolsas de estudo aos filhos dos professores. Devido ao fato de ter ingressado em escolas particulares quando pequena tive muito contato com as artes e principalmente a dança. Aos 11 anos comecei aulas de dança e passei a me dedicar fortemente às artes do movimento. Em 2013 descobri o curso de artes cênicas na Universidade de Brasília - UnB e decidi prontamente que gostaria de estudar teatro. Cercada por debates educacionais na infância, os longos períodos e participações ativas em reuniões de professores devido a vida nas escolas que minha mãe trabalhava, escolhi ser professora e, influenciada pela minha irmã que era estudante do curso de Terapia Ocupacional sempre tive o desejo de estudar na UnB. Durante a escola tive algumas oficinas de teatro que não desenvolveram muito, e em 2012 quando conheci a Cia Lábios da Lua percebi que trabalhar com arte era uma possibilidade, inclusive na cidade do Gama. Porém nesse momento, além da escola, eu me dedicava ao balé e à dança contemporânea. Foi então que em 2016, no último ano do ensino médio, por estar muito informada das provas de ingresso na universidade, descobri sobre os Cursos Livres, oficinas de teatro oferecidas no Departamento de Artes Cênicas da UnB. Os Cursos Livres é um programa de extensão do Departamento de Artes Cênicas, tem por objetivo ser uma

oficina introdutória das linguagens teatrais para a comunidade do Distrito Federal e entorno. As aulas são ministradas pelos estudantes do curso integrantes dos Projetos de Extensão Contínua (PEACs), laboratórios e grupos de pesquisa em artes cênicas. A partir do momento que começo a frequentar o ambiente universitário e também inicio a preparação para o Vestibular de Habilidade Específica, prova aplicada pelo Instituto de Artes para ingressar nos cursos de artes da UnB. Durante o processo dos Cursos Livres tivemos vários jogos de Boal e nesse momento, sem muita referência, começo a perceber a multiplicidade que existe no fazer teatral, e como era possível debater qualquer tema a partir das provocações e jogos. Quando ingressei no curso de licenciatura em artes cênicas tive oportunidade de participar de uma palestra e roda de conversa ministrada pela Silvia Paes, mestre pelo Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília sobre O Teatro do Oprimido, com uma pesquisa centrada no Teatro-Fórum, uma das ramificações do Teatro do Oprimido. Aconteceu durante a mostra semestral de teatro universitário desenvolvido no Departamento de Artes Cênicas da UnB, o Cometa Cenas. Neste momento me identifiquei imediatamente com o discurso político, educacional, artístico e potente. Augusto Boal criou o Teatro do Oprimido na década de 70, aborda uma variedade de jogos cênicos, interações, provocações e metodologia, fundamentada na filosofia de que todo sujeito é ator e espectador, pois somos nós quem atuamos diariamente em nossa vida. Portanto todos são capazes de criar artisticamente e de se apropriar dos locais de discurso. A potência do Teatro do Oprimido possibilita o diálogo de diversas situações de opressão, podendo contribuir para resolução de conflitos reais, utilizando do teatro e da troca entre os integrantes. Silvia falou da oficina de Teatro do Oprimido que ofereceu no antigo Centro Penitenciário Juvenil do Distrito Federal, popularmente conhecido como Cajé, as reflexões e opressões foram profundas, lembro de ali entender que estava no lugar certo. No início do processo de pensar o TCC, desenvolvi como objetivo pesquisar o ensino do Teatro do Oprimido no Sistema Socioeducativo do DF. Entretanto, meus professores orientaram que dificilmente seria possível adentrar o Sistema Socioeducativo num processo de graduação, foi então que surgiu o desejo em pesquisar o Teatro Comunitário desenvolvido no espaço cultural Cia lábios da Lua no Gama, e fazer parte da comunidade e do grupo de teatro desde 2021 incentivou bastante o desejo em buscar mais sobre minhas raízes.

Me interessei por Augusto Boal do momento da palestra em diante, em 2021 fiz um projeto de extensão chamado Coletivo PROSEAR da Faculdade da Ceilândia¹, com

¹ Projeto de extensão da Faculdade de Ciências da Saúde, foi desenvolvido pelos estudantes de Terapia Ocupacional no início da pandemia.

participantes de diversos cursos, durante o projeto desenvolvemos a Semana de Arte da UnB Ceilândia. O objetivo do projeto é integrar mais a comunidade no espaço acadêmico através da arte, durante todo o processo sempre nos inspiramos no Teatro do Oprimido e o desejo era que fizéssemos práticas dos jogos de Boal, porém por ter acontecido no período de ensino remoto, foi bastante complicado ter práticas. Trabalhei como produtora, secretária, mediadora de rodas de conversa, tive oportunidade de ter contato com diversos grupos de teatro, grupos musicais, de dança, espaços culturais como Jovem de Expressão². A Semana de Arte e o projeto desenvolveu uma vontade de buscar ainda mais contato com minha comunidade natal e os processos de produção cultural. Saí do projeto no primeiro semestre deste ano, pois sem o ônibus que fazia o intercâmbio entre os campus não vi possibilidade de acompanhar as reuniões presenciais na Ceilândia, os passes do ônibus não seriam o suficiente para fazer todo o trajeto de ter aula no Campus Darcy Ribeiro, ir para a reunião e voltar para o Gama. No entanto, já estava no grupo de teatro do espaço cultural que inspira essa pesquisa.

Conheci o espaço cultural Cia Lábios da Lua em 2012 através de um passeio escolar, apenas 9 anos mais tarde comecei a fazer parte do grupo de teatro do espaço, que carrega o mesmo nome, através de um convite de um dos participantes. No entanto, desde o início acompanhava o grupo e o espaço nas redes sociais e nos festivais de músicas produzidos na cidade do Gama.³

Durante o processo de pesquisa conversei com várias pessoas integrantes do espaço, algumas conversas foram gravadas e transcritas de maneira narrativa e não literal, outras são parte de outros processos dentro do espaço e do grupo de teatro, além de refletir o cotidiano das oficinas e processos de montagem do grupo de teatro pensando o Teatro Comunitário. Buscarei refletir sobre o apagamento do ensino de teatro nas escolas públicas, rememorando a história, dialogando com as filosofias da Estética do Oprimido, e as concepções decoloniais que abrangem os estudos atuais sobre educação.

Compreender essas trajetórias históricas, reflete a importância em expandir nossas epistemologias e compartilhar saberes e culturas, para isso pretendo aqui trilhar esses caminhos de maneira sensível. As próximas páginas procuram recuperar a memória do espaço Cia Lábios da Lua, da cidade do Gama, que tem por essência a promoção da cultura para a comunidade através de diversas linguagens artísticas. Dividido em dois capítulos que se constroem baseados nas entrevistas com os trabalhadores que mantêm o local há mais de

² Espaço cultural localizado na Praça da Bíblia na cidade de Ceilândia-DF. Desenvolve diversas oficinas para comunidade além de eventos, exposições e apresentações.

³ Mais informações no instagram do espaço através do link:
<https://instagram.com/cialabiosdalua?igshid=NDk5N2NlZjO=>

30 anos, com colegas do grupo de teatro e também minhas percepções pessoais enquanto integrante de alguns processos.

O primeiro capítulo destina-se a discorrer sobre a história do espaço cultural Cia Lábios da Lua e os processos de manutenção, compreender o objetivo, conhecer as pessoas que integram esse espaço, se familiarizar com a comunidade, apoiada numa perspectiva qualitativa.

No segundo capítulo, foi previamente pensado o desenvolvimento de uma oficina prática com os jogos de Boal, entretanto, devido ao encerramento do calendário, houve contratempos em relação a data e horário acessível ao público, pois o espaço Cia Lábios da Lua estava com a agenda lotada, e infelizmente não foi possível a realização da oficina com foco nos jogos de Augusto Boal.

Sendo assim, será discutido, sob uma perspectiva teórica, as contribuições do teatro na comunidade para o ensino básico de artes, principalmente artes cênicas, tendo como base o teatro comunitário, sugestionado pela definição de comunidade apontada por Márcia Pompeo Nogueira (2006), inspirada em Augusto Boal (2009) e Paulo Freire (1987) a respeito do papel do opressor e do oprimido nas relações sociais e principalmente pedagógicas. Acredito que seja necessário discutir e mediar os saberes dos oprimidos, educar para emancipar de modo que o torne consciente de seu local na relação de poder estabelecida. Considerando a subjetividade dos sujeitos, que permita aos integrantes desse espaço o direito ao apoderamento dos diversos saberes constituintes, valorizando a produção local e incentivando o fazer artístico, rompendo as barreiras deixadas pelas consequências históricas do apagamento epistêmico.

Ainda será apresentado a relação pessoal que tenho com o espaço, os processos de criação, montagem e oficinas de teatro oferecidas pelo grupo de teatro da Cia Lábios da Lua para a comunidade, entrevistas com colegas integrantes do grupo, *feedbacks* e imagens do nosso dia a dia.

CAPÍTULO I: RAÍZES E CONEXÕES: Quem ama mora no Gama

Essa história poderia começar como as outras. Sempre foi um desejo escrever uma narrativa, mas começar as coisas sempre é complicado e a gente espera que seja emblemático e marcante. No entanto, o marcante não está em palavras isoladas e quiçá nas escrituras. Conto um conto verdadeiro tirado de minhas raízes, histórias comuns, de uma comunidade comum, pessoas e personagens, lugares que compõem toda a cultura local de uma região administrativa do Distrito Federal. O Gama tem 132.466 habitantes, segundo o PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio de 2018, é uma cidade bastante desenvolvida e independente, apesar de muitos moradores ainda necessitarem sair para trabalhar. (Imagem I e II evidencia a localização da cidade)



Imagem I - Mapa do Distrito Federal

Fonte: Google Imagens



Imagem II - Mapa entorno/divisa Distrito Federal-Goiás

Fonte: Google Imagens

Compreendemos que o conceito comunidade é muito amplo, necessita reflexão e desdobramento para a sua definição. A doutora em drama Márcia Nogueira apoiada as concepções de Baz Kershaw (1992), conclui algumas formas de identificação do conceito de comunidade:

No primeiro sentido acredita-se que pessoas que vivem e/ou trabalham numa mesma região possuem determinadas vivências e problemas comuns, enquanto o segundo indica que algumas pessoas comungam de idéias, se identificam por um olhar preconceituoso com que são vistas, ou por sofrerem uma mesma exclusão...(NOGUEIRA. 2019 p. 1)

Portanto, neste trabalho notamos a presença de diversas comunidades que interagem. Pensaremos a comunidade do Gama, que parte da realidade comum proposta pela vida na cidade e pensaremos também, na comunidade escolar pública. No entanto, vale salientar que a comunidade escolar pública do Gama muitas vezes, não são residentes da cidade, o conceito se estende a diversas realidades e subjetividades.

A movimentação comercial e cultural da cidade se sustenta bem, de certo modo. Infelizmente, atualmente os eventos e incentivo à cultura são muito menores que anos atrás, principalmente por questões políticas e falta de recursos. O Gama fica cerca de 35 quilômetros do centro de Brasília⁴, e é considerado uma periferia do Distrito Federal, no entanto devido a seu crescimento demográfico a cidade passou a ser centro para as regiões de divisa entre o Goiás e o Distrito Federal como o Valparaíso, Novo Gama, Pedregal, Lago Azul, entre outras. Muitos dos moradores desses lugares, que chamamos de entorno, trabalham, estudam, fazem consultas médicas e movimentam a cidade do Gama por vezes mais que os próprios moradores.

O Gama sofre um processo intenso de expansão demográfica, cada ano que passa existem mais habitantes, devido às massivas construções de grandes edifícios, tal ampliação populacional infelizmente sofre com a precarização e falta de espaço, com o passar dos anos o trânsito ficou cada vez mais lotado e os espaços culturais mais precarizados, pois o plano de expansão inclui principalmente o lazer capitalista em torno estabelecimentos comerciais.

Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir Nascimento da Prisão* (1975), inicia trazendo uma linha histórica da cultura da tortura, esses suplícios, como chama o autor, tem seu crescimento na Idade Média de forma bruta e compulsória, os castigos públicos e linchamentos eram espetacularizados, e no decorrer do processo construtor das sociedades, adentramos na chamada "economia do castigo" (FOUCAULT, 2014 p. 13). As leis passam a punir esses corpos de forma menos pública e utilizando-se da distribuição de tempo, o que chama atenção nesse momento é a ocultação da existência do suplício. Conforme a justiça penal europeia se redistribui e reestrutura em suas mudanças da passagem do século XVIII para XIX, para o autor há uma desconsideração do suplício em detrimento de uma massiva expansão da ênfase na "humanização". Essa cultura se perpetua de forma invisibilizada, longe do conhecimento popular, pois com o passar dos anos a moral também se modifica.

O processo de descentralização e perseguição das populações escravizadas decorrentes do processo eurocêntrico pautado no catolicismo ocorre desde a Idade Média e passa pelo processo de economia do castigo, porém em contrapartida a expansão da humanização europeia, ocorre nos países latinoamericanos e africanos a desumanização. A execução desse pensamento interfere diretamente na construção do conceito de periferia, pois marginaliza corpos pretos e pobres, sendo também consequência da colonização.

⁴ No Distrito Federal não ocorre a demarcação geográfica de centro e periferia, no entanto os moradores das Regiões Administrativas por muitas vezes depender da cidade do Plano Piloto reconhece-se o Plano como centro de Brasília.

Atualmente percebemos a necessidade de buscar a valorização das produções culturais localizadas nas realidades dissidentes à hegemonia do teatro e das artes elitizadas e destinadas à burguesia. Tiaraju D'andrea (2020), por exemplo, apresenta o processo de emancipação dos *sujeitos periféricos* a partir da validação do discurso das músicas do grupo Racionais MC's; paralelo a esse pensamento nos deparamos com os problemas estruturais herdados do processo de colonização e capitalismo. Simultaneamente ao processo de colonização ocorre a gentrificação das cidades, decorrente também de uma herança colonialista, os centros de poder se expandem conforme a modernidade avança e o que antes era visto como periferia, passa a ser centro para demais regiões.

No contexto geral a palavra “periferia” tende a ser interpretada, simplificada, como um espaço territorial distante do centro. A literalidade atribuída ao conceito de periferia também faz parte do processo de hegemonia do saber, do qual nos apropriamos por sermos seres colonizados, esse termo passou a ser utilizado entre as décadas de 1950 e 60, levando em consideração características associadas ao poder social e conseqüentemente a desigualdade, como a pobreza, a violência e a falta de acesso aos mais variados serviços de obrigação do Estado, como alimentação, educação, saúde, saneamento básico etc. (D'ANDREA, Tiaraju. 2020 p. 20).

Ser reconhecido como sujeito periférico carregava uma variedade de estigmas pautados no preconceito e desinformação. Tomar os locais de discurso e dominar as linguagens artísticas possibilitou que os sujeitos periféricos tomassem as rédeas da própria história. Atualização das crenças e conhecimentos populares, transformam a discussão em torno de periferia, o salto dialogico em torno do termo nas décadas de 60, 70, 80, 90 foi abundante e intenso, pois saímos de uma perspectiva em que ser morador da periferia era algo ruim, para a descoberta e valorização dos locais periféricos. (D'ANDREA, Tiaraju. 2020 p.19)

Decorrente do processo de expansão econômica, populacional e comercial do Gama, a cidade se desenvolve a partir da mão de obra, principalmente dos moradores do entorno, cidades que sofrem intensamente o processo de descentralização decorrente da expansão demográfica que ocorre na cidade do Gama.

Escolhi trazer como referência no título deste trabalho uma pichação localizada no alto de um viaduto na entrada na cidade, escrito: BEM VINDO AO GAMA-CITY. Essa arte urbana traz uma sensação de identificação muito pessoal, pois desde a primeira vez que vi e todas as vezes que vejo me sinto em paz pois cheguei na minha quebrada, essa pichação faz

eu me sentir orgulhosamente um sujeito periférico, após encarar longos 70 quilômetros para ir e voltar de um dia na UnB.

Nessa história temos como objetivo principal apresentar o espaço e o grupo de teatro Cia Lábios da Lua, que tem como objetivo desenvolver um trabalho social para comunidade a partir de projetos culturais. Tive uma conversa bastante descontraída com quem fundou e trabalha nesse espaço cultural, foi uma reunião conjunta onde entrevistei Elis⁵ e Divino⁶, com as mesmas perguntas, a condução foi mais como uma mediação a respeito dos assuntos que busco refletir e dialogar no próximo capítulo. Para ambas as entrevistas foram feitas uma gravação em áudio que será transcrita de forma narrativa, não optei por trazer a transcrição literal pois a gravação passa de 1 hora de áudio. Mas juntos iremos conhecer melhor a história de quem resiste e trabalha para que exista sempre mais incentivo a cultura local e a movimentação da cena teatral dentro da cidade.

Ingressei no grupo de teatro do espaço cultural Cia Lábios da Lua em agosto de 2021, porém conheço o espaço faz alguns anos, desde quando fui com a escola em 2012. Durante a conversa, Divino e Elis, fundadores e colaboradores do grupo de teatro e do espaço, contaram-me toda a história que já dura 30 anos.

Divino Gomes Dias, explica sua trajetória nos anos de adolescência, a partir de uma oficina de teatro desenvolvida pela escola e as discussões que eram abordadas nos encontros, as aulas e debates aconteciam ou no auditório do Centro de Ensino Médio - CEM 01 do Gama ou no CEM 02 ele se transformou e se encontrou de muitas formas, ao que parece foi uma experiência decisiva em sua vida, era um grupo muito diverso. Integrando esse grupo de teatro, Divino começou a frequentar outros grupos de teatro e suas percepções sobre si mudam, ele compreende que o teatro é um caminho para o autoconhecimento e se interessa cada vez mais em conhecer esse universo. A partir do grupo de teatro e dos debates sobre os problemas sofridos no momento, em plena ditadura. Problemas pessoais, coletivos, sociais, políticos, tudo era tratado nas aulas de teatro, e isso, Divino afirma, foi o que resgatou ele e diversas pessoas. Doravante a compreensão da necessidade de que se tenham muitos grupos

⁵ Elis Maria Barbosa Mendes, nasceu em 21 de abril de 1970 no Gama e sempre morou no Gama. Suas formações são em Técnica em Contabilidade e Letras Português-Inglês. Os principais trabalhos desenvolvidos durante a vida foram no ramo administrativo contábil, porém Elis também deu aulas de português um período como substituta. Ela é católica, mas gosta de frequentar o Centro Kardecista às vezes. Se identifica como heterossexual em suas palavras “ate que se prove o contrário”. Não teve filhos por opção, porém tem muitos sobrinhos. Gosta de ler, ver filmes e estar na natureza, coisas coloridas, cachorros e jogar dominó.

⁶ Divino Gomes Dias, 60 anos. Atua como professor da rede pública há 30 anos e se aposenta no meio do ano. Já foi membro e presidente do Conselho de Cultura do DF, diretor da Divisão de Cultura do Gama duas vezes. Gosta de pedalar, viajar, participar de trabalhos coletivos. Tem dois filhos, dois netos e é morador do Gama há 52 anos.

de teatro para que as pessoas tenham um espaço para discutir, Divino então, ingressa na graduação de bacharel e licenciatura em artes cênicas.

Desde esse momento ele já pensava em desenvolver mais grupos de teatro, para que pudesse fazer um trabalho com a comunidade e agregar sempre mais as pessoas, pois via no teatro a possibilidade de compreender tanto a si como o outro. Essa mentalidade expansiva sempre foi uma inspiração para Divino, e quando se graduou seu juramento foi em suas palavras "levar a arte onde não existe". Concluiu a graduação em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes em 1986, mas antes disso passou a ter um contato maior com a produção cultural da cidade e pôde colocar em prática o que estava sendo aprendido na faculdade.

Devido a uma atividade prática, um grupo de estudantes foi ao Gama fazer uma oficina de teatro, a partir dessa vivência, surgiu a companhia. Portanto a Cia Lábios da Lua é oriunda de duas oficinas que ele ofertou com mais 4 pessoas. A partir desse momento foi elaborado um projeto para que o grupo pudesse se apresentar no FAGAMA.⁷ A oficina aconteceu no meio da praça dos artistas, que ficava localizada atrás da administração do Gama. Hoje é um dos maiores setores habitacionais da região, devido ao processo de gentrificação que ocorreu nos últimos 20 anos. Ao todo foram três endereços, sempre no Gama, a sede se estabeleceu na localização atual em 2009, após muitos altos e baixos. No início dos anos da companhia, o grupo era composto pelo grupo de teatro e um grupo de coral, e alugava uma sala num edifício bastante famoso na cidade, o Alternativo Center, infelizmente devido a falta de recursos financeiros, não foi possível continuar com o espaço. Em meados dos anos 2000 o grupo conseguiu um novo local e passou a montar peças e apresentações de coral, circularam um tempo através de submissão de emendas parlamentares ou contratos com administração da cidade, durante esse tempo foi possível organizar-se financeiramente e encontrar a loja que hoje sedia o espaço há 13 anos.

A outra fundadora que estava na conversa era Elis Maria, que é formada como Técnica em Contabilidade e cuida de toda a questão financeira e administrativa do espaço, uma pessoa muito gentil e prestativa a todos os momentos.

Elis Maria, começou a fazer teatro com 14 anos, era época da transição da ditadura para a democracia, a partir de 1985 foi abolida a hora cívica obrigatória das escolas, ela conta que o colégio parece que ficou mais livre, tornou-se mais atrativo permanecer dentro da escola e como Elis já fazia teatro, ficou muito mais fácil falar, porque antes não podia, tudo tinha uma

⁷ O festival do aniversário do Gama que tem tradicionalmente na cidade no mês de outubro, o aniversário da cidade é dia 12 de outubro de 1960.

proibição, sempre censurado, neste momento não mais. Dentro desse contexto das escolas, havia apresentações no Centro de Ensino Médio - CEM 1 do Gama, no CEM 2, CEM 3 e outras escolas do Gama. A partir dessa perspectiva, o grupo empoderou-se ainda mais na cidade, com a percepção de que o grupo era muito importante para a comunidade. Já existiam vários grupos de teatro no Gama. Elis e Divino lembram juntos alguns nomes de grupos que eram ativos na cidade na época como o Nosarte⁸, GTG⁹, no CEM 2 surgiu o grupo Trapo, no CEM 3 surge o grupo Roupa Velha. Surge também o Bagagem Companhia de Bonecos que existe até hoje. Depois começaram a surgir mais. Elis ingressa na Cia Lábios da Lua como participante da oficina que Divino promoveu, a partir da oficina surge o grupo de teatro e aos poucos o espaço e grupo Cia Lábios da Lua.

O estatuto de fundação é do ano de 1992, porém o registro do documento assinado é registrado apenas em 1997. O grupo de teatro, a partir da apresentação de uma peça chamada Os Olhos Verdes da Neurose, inventou o nome, nasce de dentro da peça a Cia Lábios da Lua, antes era grupo de teatro e depois passou a ser companhia, era um grupo de 10 pessoas. Por um tempo, em 1997, Elis sai da companhia para focar em outros trabalhos e retorna mais tarde, outras pessoas só saíram, outras voltaram, outras continuaram sem parar, ela conta que transitou três vezes, e atualmente está na posição de presidente do espaço Cia Lábios da Lua, na parte administrativa, financeira e ajudando nas produções dos projetos na medida do que for necessário.

Divino desde a primeira oficina está na Cia, durante todos os anos ele sempre esteve trabalhando de alguma forma nesse projeto. Quando o espaço se estabeleceu no endereço atual, tinha um pequeno orçamento, pois o grupo do coral fez algumas temporadas com um incentivo de emenda parlamentar, e então foi feito o teatro dentro do espaço, a instalação dos refletores, equipamento de som, cria-se a sala de música com vários instrumentos adquiridos ao longo dos anos, o camarim, cabine luz e uma galeria de artes visuais. Conforme os anos se passaram o que era uma companhia de teatro tornou-se Associação Companhia Lábios da Lua, pois foi integrando artistas plásticos, professores, diretores, músicos, escritores, e muitas outras pessoas de variadas linguagens, sempre voluntários.

Tive acesso ao estatuto de fundação da associação¹⁰, em 10 de maio de 2022, os associados atuantes do espaço Cia Lábios da Lua restituem sua razão social e objetivos através de uma assembleia geral, e passam a ser Associação Companhia Lábios da Lua,

⁸ Elis participava do grupo Nosarte, se desfez há alguns anos.

⁹ O grupo mais antigo que existia na época.

¹⁰ Consta do Anexo 01 deste TCC.

mantendo o nome comercial de Cia Lábios da Lua. No artigo 2º do Estatuto Social anexado a ata da assembléia constam as finalidades do espaço em promoção da cultura, educação, socialização, meio ambiente, turismo e esporte, a associação definitivamente consta como uma organização sem fins lucrativos, ambos os entrevistados me apresentaram como a maior dificuldade em manter o espaço justamente o fato de não gerar algum tipo de renda fixa todos os momentos, apesar de estar de pé há 30 anos, nunca foi possível pagar salários e sobreviver exclusivamente do espaço. Uma forma de ser remunerado é se envolver de algum modo nos projetos.

Participantes e frequentadores das atividades e apresentações, utilizam dos aprendizados tirados das oficinas e produções do espaço para construir um portfólio e ingressarem nos projetos como produtores, atores, iluminadores, cenógrafos, sonoplastas e diretores. Assim conseguimos perceber o objetivo do grupo em formar artistas e pensadores de artes. Muitos não seguem dentro da companhia como integrante das produções, administração etc, mas sempre estão presentes de maneira afetiva. Portanto, aquelas pessoas que se identificam e têm interesse em buscar e se tornar artista, encontra um espaço seguro para desenvolver suas técnicas, um espaço seguro e principalmente acessível, pois poucas das produções e oficinas são cobradas, principalmente pelo fato de que os projetos desenvolvidos são em sua maioria custeadas por fundos de apoio a cultura, o intuito de fato é aproximar a comunidade local das produções locais.

A história da Cia Lábios da Lua está diretamente ligada a história do Gama e das raízes dessa comunidade, Elis conta que quando fez parte do Grupo Nosarte, em 1985, os encontros ocorriam no auditório do CEM 01 do Gama, ou CG para os íntimos. Fiz toda minha formação de ensino médio nessa mesma escola entre 2014 e 2016, também foram anos de muitas descobertas nas artes cênicas, através do incentivo que escola trazia em seu Projeto Político Pedagógico, infelizmente não tenho informações de como o Novo Ensino Médio afetou os projetos das matérias de humanas e linguagens que ocorriam de forma interdisciplinar. Durante nossa conversa descobri que Elis estava na chapa da fundação do Grêmio Estudantil do CEM 01, da qual mais tarde fiz parte, e que no presente momento não existe mais.¹¹

Durante a conversa, torna-se inevitável não navegar em devaneios de memórias de infância, história de família, história que meus antepassados recontam, o Gama tinha festivais de música, de teatro, de dança, bailes charme, shows de rock do Galpãozinho, onde ainda há uma tentativa da Cia Lábios da Lua em promover eventos de música através de projetos

¹¹ Tive contato com um estudante que se formou em 2022 no CG. Existe uma disciplina eletiva de teatro apenas para o primeiro ano. O grêmio permanece, porém sem muito envolvimento dos estudantes.

como o Festival Rock Cerrado (imagem III e VI), que existe desde 1986, porém a cidade capenga em sua manutenção cultural, o que por anos foi tradição e festa não existe mais no cotidiano do povo.



Imagem III e VI - Panfletos de divulgação Rock Cerrado.

Fonte: Instagram @rocjcerradooficial

Ao longo dos seus 62 anos os polos de incentivo à cultura foram se extinguindo, presentemente na cidade há o Teatro Sesc Paulo Gracindo, ponto muito importante para produção local, porém com pouca divulgação e aproximação com a comunidade, não temos cinema há mais de 15 anos, e apenas no início de 2022 foi investido pela administração da cidade na reforma do espaço Cine Itapuã, ponto de cultura muito importante da cidade, que está fechado há 18 anos, não existe previsão de conclusão das obras, no entanto gera uma esperança em ver o cenário cultural do Gama cada vez mais reconhecido e movimentado.

Indaguei Elis e Divino sobre o trabalho interno e a divisão de tarefas, Divino atua como voluntário no espaço e desenvolve um trabalho mais voltado para a submissão de projetos, Elis administra juntamente com outros voluntários os projetos submetidos e as despesas do espaço. Quanto ao questionamento do plano político pedagógico dos projetos, se há quem

desenvolva um trabalho voltado para pensar a parte pedagógica, há contingências nas falas, porém a resposta é positiva.

Sempre foi discutido e pensado em trabalhar com projetos e leis de incentivo à cultura para a manutenção do espaço e ajuda nos custos de alimentação e locomoção dos participantes, no entanto nem sempre os valores distribuídos nos projetos que são aprovados arca com todas as despesas. Do ponto de vista pedagógico não ocorre um planejamento voltado necessariamente para a questão educacional, apesar de os projetos desenvolvidos grande parte das vezes acolher estudantes e ser apresentados em escolas, ou para escolas.

O projeto Vila Sarrafo é responsável por produzir várias apresentações de teatro, música, exposições de arte visuais, oficinas de teatro, oficina de gestão administrativa, oficina de artes visuais para crianças. Todo esse projeto tem o propósito de fazer um trabalho interdisciplinar com as escolas, e trazer as crianças para apresentações e exposições na Cia Lábios da Lua, como também levar apresentações e oficinas para escolas. Com destaque na oficina Vivência de Artes Plásticas para crianças, que ocorre nas escolas classes. Além das oficinas de teatro que acontecem no espaço Cia Lábios da Lua aos sábados são abertas para a comunidade geral. Acontece também a contrapartida Estação da Música, que é coordenada pelo colaborador Gilmar e tem como objetivo levar alunos do EJA para apresentações de músicas clássicas. Está na agenda para ocorrer no próximo ano o projeto Festival Multicultural que destaca a linguagem cênica, com apresentações de teatro de bonecos, contação de histórias e teatro amador, para crianças, adolescentes e EJA, o objetivo é levar às escolas públicas até o festival.

Quando se trabalha com promoção a cultura, principalmente com teatro e a música, não tem como deixar de fora o ambiente escolar, é um público certo e que precisa disso, nas escolas públicas principalmente, o planejamento é voltado para a administração e produção do projeto, mas existe um diálogo com a gerência educacional para acontecer essa troca, não é sempre que se consegue, mas por vezes acontece.

Neste momento recordo-me de quando conheci o espaço pela primeira vez em 2012, através de um passeio escolar na época que estudei na escola Centro de Ensino Fundamental - CEF 08 do Gama, que fica localizada bem próximo do espaço Cia Lábios da Lua, nessa ocasião lembro de me admirar, pois havia diversas oficinas de dança, música, teatro e pintura. Divino me conta que esse projeto foi o primeiro a ser apoiado pelo FAC, Estação da Arte, o projeto contava com 16 apresentações, 8 de música e 8 de teatro, sempre com 4 apresentações cada grupo durante todo o final de semana, oficinas diversas e variadas linguagens artísticas e 10 exposições de artistas convidados. Esse projeto em especial teve a integração com as

escolas exclusivamente nas aberturas das exposições de artes visuais, acredito que isso seja parte de um desvio muito comum na educação básica, tudo se volta para as artes visuais, porém é possível transformar o cenário escolar com o incentivo a participação do público em oficinas oferecidas para a comunidade.

Durante a conversa surgiu a oportunidade de propor para um próximo edital a continuidade do projeto Vila Sarrafo, para incluir a vivência em artes cênicas dentro das escolas, com as crianças, assim como tem a experiência de artes de visuais nas Escolas Classes, Elis pareceu interessada na ideia e a partir desse trabalho já surgem possibilidades de outros projetos. Divino a partir dessa proposta conta que um dos objetivos e sonhos dele desde o início é trazer as pessoas através da afetividade, durante a conversa contei meu relato de como conheci o espaço Cia Lábios da Lua, Divino então diz que esse é o intuito, agregar sempre e cativar os que passam pelo espaço, para que retornem baseados no afeto.

Ainda apoiada na memória, lembro que nessa mesma época em que conheci o espaço, houve no Centro de Ensino Fundamental 8 do Gama uma oficina de teatro no contraturno na escola, e apoiada a ilusão que eu tinha, e muitos de meus colegas também, as aulas de teatro não tinha como principal foco atuação, texto e a montagem de algo grandioso como as referências do cinema mostravam, mas sim o processo, o autoconhecimento, a reflexão, o debate, o jogo. Lembro de desistir da oficina, pois não encontrei o que esperava, hoje compreendo, do outro lado, a importância do processo, do lúdico, do trabalho em equipe, liberdade criativa e de expressão, mas quem pode culpar uma adolescente se frustrando por sonhar com uma cena megalomaniaca? Sequer houve na minha formação básica uma aula de teatro, não existe um trabalho contínuo nas escolas públicas para que as crianças e adolescentes saibam o que é ter uma aula de teatro, e muitas vezes quando apresentamos uma aula de teatro voltada para o jogo e não para a cena as expectativas são quebradas, e isso gera um distanciamento da linguagem cênica, acredito que essa seja a principal discussão a ser refletida; quais maneiras de levar o trabalho que está sendo desenvolvido no espaço Cia Lábios da Lua para o cotidiano das escolas, de maneira afetiva e reflexiva, para que seja um espaço além de tudo, de debate e discussão política?

CAPÍTULO II: REFLEXÕES DE TANTOS CAMINHOS

Ao nos aproximarmos da história que constitui tantas trajetórias e vivência de uma comunidade como o Gama, me inspira a pensar cada vez mais sobre o debate no ensino básico, sobre as artes da cena e principalmente o Teatro do Oprimido. Nessa etapa são abordadas reflexões que surgem a partir da convivência e trabalho dentro do grupo de teatro do espaço Cia Lábios da Lua. O sensível, o teórico e o documental se misturam nos relatos ilustrados para que conheçamos mais intimamente como o espaço afeta os participantes que se descobrem cotidianamente a partir das experiências. E impulsionada pelo meu desejo em pensar as comunidades escolares, pretendo refletir cada vez mais sobre a importância dos espaços culturais estarem ativos dentro das escolas.

Através das concepções de Boal entendi que ser arte-educadora desmembra uma infinidade de subjetividades e complexidades, mas acima de tudo exige que meu discurso empodere o discurso dos estudantes que passarem pela minha jornada. Augusto Boal explica como a mídia se apropria do poder do discurso para o controle e promoção da exploração e do capitalismo, o discurso é objeto de controle das massas em diversos acontecimentos históricos e políticos, Boal chama de *Pensamento Sensível* (BOAL, 2009 p. 18). Mediante a apropriação do *Pensamento Sensível* se domina e poda a criatividade das pessoas, maquiando cada vez mais os pensamentos e ações.

A arte-educação necessita dispor de um ambiente seguro e livre para que ocorra reflexões sobre todo e qualquer tipo de tema, onde o estudante possa fluir o *Pensamento Sensível* (2009), acredito que espaços culturais como a Cia Lábios da Lua, sejam fundamentais para a formação e sensibilização artística, associadas às mediações e provocações das oficinas podem levar os estudantes a refletirem suas realidades, facilitando o processo de compreensão dos conteúdos apresentados em sala e contribuindo para conscientização pessoal e coletiva de cada um.

Paulo Freire (1987) pontua a desumanização e humanização como possibilidades de ponto de partida pedagógica, a partir de tal pensamento torna-se pertinente questionar quem são os oprimidos nessa relação apresentada, o sujeito periférico, como consequência do processo de desumanização, passa pelo processo de “cultura do silêncio” que para Freire é o processo de tornar a pessoa não mais um ser humano e sim uma ‘coisa’ que não tem direitos, nem voz para pronunciar as próprias escolhas, a humanização faz o efeito contrário, incentivando os processos de apropriação da linguagem construindo um processo de aprendizagem ativo, dialógico e reflexivo.

Boal pontua a importância da necessidade dos oprimidos tomarem os locais de discurso, pois se não ocuparmos esses espaços, se não compreendemos a linguagem da comunicação nos tornamos passíveis de manipulação, e o ensino do teatro, a arte educação, de fato é um caminho para a reflexão dessa linguagem. Portanto é urgente que se invista em espaços que oportunizem a participação dos sujeitos periféricos nas produções culturais feitas pela e para a comunidade.

Ao revisitarmos a história do teatro no Brasil e a forma como o ensino do teatro serviu a colonização, nos deparamos com um cenário de total alienação da própria cultura, pois diversas vezes representadas pelas artes clássicas e vanguardistas, a história nos mostra apropriação e apagamento dos variados conhecimentos dos povos colonizados. Ainda sofremos consequências desse processo de hegemonia cultural instaurado por Portugal, uma dessas é a desigualdade social que existe em nosso país de Norte a Sul e atinge principalmente os direitos básicos, como direito à educação de qualidade, alimentação e lazer. Dentro da escola pública, principalmente de regiões periféricas como o Gama, essas desigualdades tendem a afetar o contato com as artes.

Max Maciel, pedagogo e especialista em políticas públicas de gênero e raça pela Universidade de Brasília, deputado distrital eleito em 2022, morador da Ceilândia e um dos voluntários do espaço cultural Jovem de Expressão, publicou em sua rede social a seguinte frase; “história da arte é confissão”, isso chama atenção, pois imagino uma realidade invertida onde estou num confessionário com o padre, porém quem admite a culpa não sou eu diante de Deus, mas a igreja diante de mim.

O modo como ocorreu a colonização na América Latina prejudicou historicamente os povos de maneira tão avassaladora, que o processo epistêmico foi negado e hegemonizado pela Europa, os conhecimentos produzidos pelas nações latinas são até hoje inferiorizados em função desse apagamento. Marcos Jankevicius (2014) pontua como o Teatro Comunitário contribui para a produção de culturas periféricas ao redor da América Latina, sendo uma forma de resistência das tradições populares. A modernidade nasce desse processo histórico, os europeus impõem a evolução de sua realidade a todos os povos a partir do fortalecimento do processo de globalização, se auto declaram superiores intelectualmente, influenciando na construção e desenvolvimento de diversos povos em função de tal crença (QUIJANO, Aníbal, 2005 p. 15).

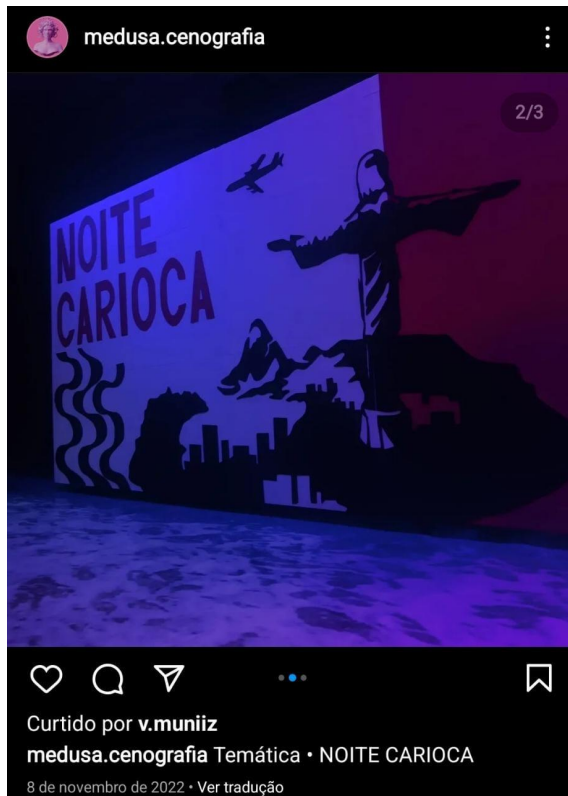
Segundo Márcia Pompeo Nogueira, existem três tipos de teatro comunitário. 1) Teatro para Comunidades. 2) Teatro por Comunidades. 3) Teatro com Comunidade. Sendo o primeiro o teatro itinerante que passa pelas comunidades, porém é exercido de fora dela. O

segundo fala sobre o processo de pesquisa para identificar a melhor forma de trabalhar, feito conjuntamente com a comunidade para o desenvolvimento de um projeto voltado para as espetacularidades cênicas, seja das tradições populares, seja a montagem de uma peça, conjuntamente. E por fim, no terceiro, executar a pesquisa previamente feita, onde os atores e produtores desse espetáculo sejam a própria comunidade, abordando necessidades, desejos, história e cultura local (NOGUEIRA, 2006 p. 2).

Considerando essas três perspectivas pondero que o espaço cultural Cia Lábios da Lua se enquadra em todas as três definições apontadas pela autora, que se apoia fortemente no discurso de Boal, ao levar em conta os grupos de oprimidos como uma comunidade. O espaço contempla-se em todos os âmbitos, pois disponibiliza o local para apresentações de fora, de diversas linguagens. Porém também desenvolve as atividades de dentro do espaço das oficinas de teatro, onde acontece o processo de construção da pesquisa de montagem e reflexões pedagógicas.

Fundamentado nisso apresento, mantendo a linha narrativa e não literal a conversa em formato de entrevista, que tive com Valerio Henrique dos Santos Ribeiro e Juliana Vitoria da Silva, conjuntamente, participantes do grupo de teatro, do espaço Cia Lábios da Lua e companheiros de trabalho. Conheci os dois na UnB no início do curso. Valerio está na graduação de Artes Cênicas e Ju, como é conhecida, cursou alguns períodos também de Cênicas, ela é moradora do Gama atualmente. Quando conheceu o espaço era moradora do Setor Sul do Gama, hoje vive no Setor Oeste. Já viveu alguns períodos curtos na Vila DVO, localizada no Gama ou Santa Maria, existem algumas discussões de territorialidade. Ju morou também no Recanto das Emas e em Samambaia. Valerio morou no Gama em 2014 quando conheceu o espaço cultural Cia Lábios da Lua, depois mudou para o Valparaíso em 2015. Retornou para o Gama em 2016 e em 2017 se mudou para Samambaia, onde reside atualmente. Apesar das mudanças nesses períodos, Ju e Valerio sempre estiveram presentes de alguma forma na Cia Lábios da Lua, trabalhando nas produções e no espaço.

Valerio e Ju têm 27 anos, são artesãos e cenógrafos, criadores de cenários para diversos tipos de eventos e apresentações, além de lindas peças de crochê. Eles trabalham juntos e se conhecem por causa do espaço Cia Lábios da Lua. Ju entrou na Cia entre 2013/2014 e Valerio em 2014, desde então ambos estão sempre trabalhando de alguma forma dentro do espaço e do grupo de teatro. (Imagens IV e V)



Imagens V e IV - Cenografias para festas de Valerio e Ju.

Fonte: Instagram @medusa.cenografia

Ju conta que ficou sabendo do espaço através de um panfleto na escola e quando entra na Cia Lábios da Lua está interessada em fazer teatro, porém não estava ocorrendo as oficinas neste momento, no entanto ela entra para o grupo de coral que existia na época, e relata ter sido uma experiência muito enriquecedora e proveitosa, após conhecer melhor o espaço descobriu o tanto de cursos que eram oferecidos e toda a arte que se produzia, e isso fez ela se encantar.

O primeiro contato de Valerio aconteceu devido a um professor do Gama que ele conheceu e fazia parte do espaço. Nesta época Valerio cursava um tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos e através de um amigo conheceu o professor que chamou ele para participar como substituto de uma montagem que estava acontecendo no espaço. Existe uma longa lista de montagens feitas pelo grupo de teatro, muitas das vezes derivadas das oficinas.

As oficinas têm sua origem no início da história, pois assim como Divino se juntou com um grupo de amigos para criar dois grandes grupos, um de coral e outro de teatro, o projeto ocorre desde essa época. Ganha força com o projeto Estação da Arte em 2012, o primeiro projeto com o apoio do Fundo de Apoio a Cultura, que ocorre várias vezes ao longo dos anos.

No ano de 2022 tiveram as oficinas gratuitas oferecidas para a comunidade também com apoio do FAC, porém sendo parte do projeto Vila Sarrafo.

Em seguida questionei de que maneira o contato com o espaço Cia Lábios da Lua contribuiu para a formação pessoal e educacional de cada um. Valerio relata uma experiência de transformação, que ocorreu ao longo dos anos e das experiências oportunizadas pelo espaço, pois após ingressar nas vivências e projetos em 2014, em 2017 ele entrou na Universidade de Brasília para a graduação em Artes Cênicas e toda a formação e conhecimento que ele necessitava foi oferecido pela Cia Lábios da Lua para poder descobrir o interesse e buscar as formas de ingressar na universidade. Ju relata uma experiência semelhante, e como desde o primeiro contato Ju e Valerio se tornaram amigos, foi natural seguirem um caminho em comum, o fato de terem tido contato previamente com as oficinas e vivências do espaço foi importante para a auto confiança e performance na prova de habilidade específica. Pessoalmente, a sensação é de encontro, um espaço acolhedor e compreensivo, sensível e afetivo, que não encontrava em outros ambientes.

Ju estudava no Centro de Ensino Médio 02 do Gama em 2013 quando conheceu a Cia Lábios da Lua, o contato maior era com as artes visuais na escola, até que aconteceu a apresentação de uma peça de teatro no ambiente escolar, ela se interessa imediatamente e passa a buscar cursos de teatro, porém devido a questões financeiras e de distância não encontra muitas opções viáveis. Identifico-me com a história dela, pois meu contato com o teatro também foi bastante tardio devido a falta de divulgação e custos altos dos locais que apareciam como referência, sendo minha primeira oficina nos Cursos Livres da UnB em 2016. Algum tempo depois ela conhece o espaço através do panfleto e tudo se encaixa perfeitamente bem, por ser acessível e perto de casa, é um espaço onde é prazeroso estar, desde o primeiro momento ela se identifica com as pessoas, com as realidades e pensamentos e se sentia à vontade para se descobrir artisticamente.

Os trabalhos desenvolvidos dentro do espaço são variados, como os participantes são também voluntários é muito comum a gente assumir diversos papéis, Ju e Valerio desempenharam diversas funções ao longo dos anos, o mantimento do espaço sempre foi coletivo, então todos nós sempre ajudamos na limpeza e manutenções.

Quando entrei no grupo de teatro em 2021, ingressei num grupo que surgiu a partir das oficinas de teatro desenvolvidas em 2019 e interrompida devido a pandemia de Covid 19. Estavam retornando seu trabalho presencial para iniciar o processo de montagem do texto adaptado da tragédia grega de Orfeu.

Ao longo dos processos de ensaio de Orfeu, de agosto de 2021 a outubro de 2022, passamos por oficinas de musicalização, instrumentalização, ritmo, voz, acrobacia, teatro físico, palhaçaria e escultura em argila. Além de sempre trabalharmos em grupo nas pesquisas de figurino, maquiagem e cenografia baseados nas ideias de Pedro. A história é uma tragédia grega onde Orfeu, filho do deus do Sonho, perde sua amada no dia do seu casamento e viaja até o Submundo para pedir ao deus Hades que permita que ele leve a alma de Eurípides para viver novamente. A ideia era construir uma comédia de teatro físico a partir do texto trágico.

Pedro Augusto, filho do Divino e integrante da Cia Lábios da Lua desde a adolescência, assumiu a posição de diretor, propôs a ideia e me convidou para o grupo. Pedro também é amigo de Valerio e Ju desde quando entraram, porém haviam muitas pessoas recém chegadas em 2019. Todos já estavam num processo de montagem e eu fui me integrando aos poucos, o acolhimento foi maravilhoso de todos os integrantes, me identifiquei bastante com todos também, principalmente por já conhecer alguns da escola ou UnB. Fizemos uma apresentação desse projeto, um ensaio aberto de parte do texto, necessitamos interromper o processo devido a questões pessoais de várias pessoas do grupo. (Imagens VI, VII, IX)

O processo de Orfeu cabe nos conceitos de Márcia Pompeo como o Teatro com Comunidade, previamente ao processo de montagem ocorreu a oficina de teatro comunitário em 2019 onde se formou o grupo que integrava a montagem da peça em 2021, portanto ocorrendo o trabalho do Teatro por Comunidade e o Teatro com Comunidade. A maioria do elenco residia no Gama, porém nossa comunidade se consolida particularmente também.



Imagens VII e VIII - Ensaio Orfeu

Fonte: Arquivos do grupo

Fotografia: Miss

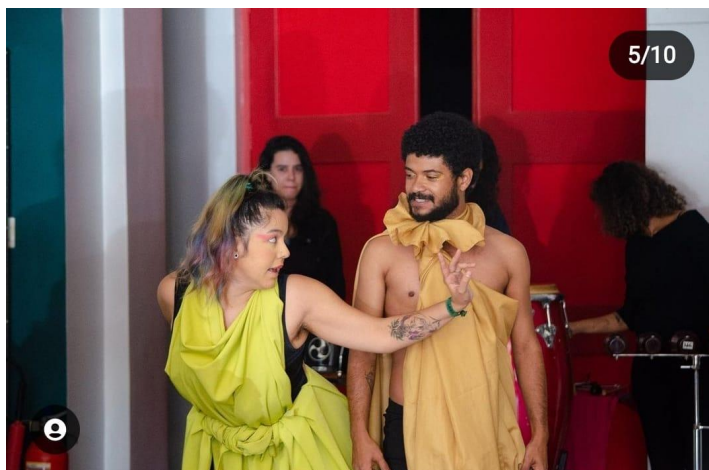


Imagem IX - Ensaio aberto Orfeu

Fonte: Arquivos do grupo

Fotografia: Miss



Imagem X - Ensaio aberto Orfeu

Fonte: Arquivos do grupo

Fotografia: Miss

De agosto a dezembro de 2021 fiz cada vez mais parte do espaço e fui aos poucos ampliando as relações com as pessoas. Em novembro foi proposto ao grupo de teatro um trabalho para um edital da Funarte, do projeto Grooveonline¹². Esse é um projeto criado pelo

¹² Mais informações: <https://instagram.com/grooveonline?igshid=NDk5N2NIZjQ=>

baterista e influencer brasileiro Lucas Gonçalves da Silva. Tem por objetivo desenvolver uma programação musical e interativa, refletindo sobre o bullying, a violência e o uso de drogas a partir de palestras e depoimentos. A peça teatral era uma contrapartida do projeto que é voltado para música e não faz parte da Cia Lábios da Lua, porém o pai do Lucas conhecia o Divino, que indicou o grupo de teatro. Fizemos uma temporada de apresentações em diversas escolas públicas do Distrito Federal, no Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planaltina e Ceilândia.

A peça tratava de três histórias distintas que aconteciam no presente, os personagens estavam imersos em suas próprias confusões e angústias. Um era alcoólatra e adicto a psicotrópicos por ter vivido toda a infância sofrendo violência física e psicológica em casa e na escola. O segundo se tornou uma pessoa tão violenta por ter sido sempre valentão que acabou preso. O terceiro vive em situação de rua em função da adicção a substâncias psicoativas. O texto era bastante tenso e as apresentações pesadas (Imagem IX), apesar de às vezes muitas crianças entrarem em crise de riso, visivelmente nervosas. Após nossa apresentação havia uma palestra com a psicóloga do projeto, ocorria um acolhimento e quem se sentisse confortável poderia compartilhar algo.



Imagem IX - Projeto Grooveonline

Fonte: Arquivos do grupo.

O projeto continuou no início de 2022 e retornará em 2023. Nesse projeto o Pedro dirigiu, e estavam comigo no elenco Valerio e Shayla, foi uma experiência maravilhosa para todos nós, os estudantes sempre vinham conversar conosco para entender se as histórias de

violência apresentadas eram reais, muitos demonstraram interesse pelo teatro e encontravam nesse momento um espaço seguro para se expressarem de forma frágil. Alguns depoimentos das crianças entre 11 e 17 anos eram devastadores.

Uma aluna de 12 anos compartilhou que passou quase um ano inteiro sem ir para a escola em função de uma depressão, e que se sentia mal pois os colegas não perceberam. Alguns percebiam sua reclusão e faziam piadas. A depressão aconteceu depois de presenciar o assassinato de sua tia num assalto andando na rua. Havia depoimentos sobre violência, transtorno de ansiedade, perdas da pandemia, alcoolismo e dependência química dentro da família, a lista realmente é longa e triste. Porém o ambiente seguro para se abrir sempre era alcançado. Isso me fez perceber o quão importante é a representação e a sensibilização através da arte para se construir um espaço de segurança e acolhimento, porém também me fez perceber que as escolas não mudaram muito desde os anos em que eu estava presente como aluna, o contato com as artes não são valorizadas e são arbitrarias.

Esse é um dos projetos mais recentes que o grupo de teatro se envolveu, porém Valerio e Ju me contam que ao longo desses 8 anos houveram diversas outras montagens e apresentações.

A mais atual e que circulou em vários teatros do DF foi o espetáculo Alberto: uma peça sobre suicídio (Imagem X).



Imagem X - Folder peça Alberto 2019

Fonte: Instagram @cialabiosdalua

Estreou em 2017 e ficou em temporada até 2019, circulou em todo o DF. Estavam no elenco Gabriel Alvesan, Giovanna Vattos, Maga Guimarães, Mari Manureto e Valerio Ribeiro. Direção, cenografia e iluminação: Pedro Augusto

A Cia Lábios da Lua resiste, forma, apoia e divulga diversos artistas locais, atualmente existe um investimento maior nas mídias sociais e um alcance bastante amplo de público e participantes que mantêm o espaço.

A oficina de teatro mais recente ocorreu em 2022, de julho a dezembro, Valerio e Ju ministraram todos os encontros, tendo a ajuda eventual de outros integrantes, incluindo-me.

Durante nossa conversa quis saber mais sobre a metodologia abordada por eles para o processo de montagem da peça final que o grupo apresentou durante um final de semana no teatro da Cia Lábios da Lua, e também sobre como foi a experiência de sair do local de estudante/ator para o local de professor/diretor.

Valerio sente-se realizado de alguma forma, pois a trajetória acadêmica foi complicada e bastante desafiadora, também existia o sentimento de rejeição pela docência apesar de entrar para licenciatura, aconteceu um choque muito grande, choque que todos nós que viemos da escola pública e da periferia sentimos ao ingressar na universidade. O contato com diferentes culturas, e principalmente classe sociais mais privilegiadas, assusta e causa diversas dúvidas que compartilhamos por entender a realidade da distância e muitas vezes a linguagem complexa adotada pela acadêmia. Valerio e Ju sentiram ainda o racismo estrutural por serem pessoas pretas, pois mesmo que a universidade venha se reinventando, ainda existem diversos acontecimentos herdados pela hegemonia do saber. Ele ao se deixar afetar pela experiência da docência concluiu que nós somos professores o tempo todo, nas nossas conversas e vivências, não adiantava ele recusar a docência, e ao abraçar a descoberta compreendeu que ensinamos e aprendemos sempre como uma troca.

Na oficina foi o local em que ele se permitiu encontrar essas reflexões, e estar acompanhado pela Ju no processo possibilitou que tudo ocorresse de maneira mais leve e segura, e também o espaço, pois nós nos sentimos em casa quando estamos na Cia. Muito mais que na universidade, por ser uma comunidade que se aproxima mais de nossa forma de se comunicar. Ju compartilha do sentimento de realização e ambos se sentem felizes por poderem ter tido o espaço para desenvolver o trabalho como eles acreditam, tendo o suporte necessário de um bom ambiente para o fazer e principalmente a confiança entre eles.

No início do processo das oficinas, outras pessoas do grupo de teatro estavam também envolvidas, como a Shayla, o Matheus, Thay e eu. Todos integrantes do grupo de teatro e de algumas das oficinas oferecidas ao longo dos anos. Algumas vezes nos reunimos para

planejar as aulas e conduzimos alguns encontros, no entanto devido a outras situações pessoais nos afastamos um pouco do processo e Valerio e Ju conduziram até o final.

Foi muito gratificante observar meus amigos se desenvolvendo e se descobrindo dentro da área de escolha, nos primeiros encontros o grupo era grande e bastante retraído, porém dispostos e abertos a se entregar ao jogo, com o passar dos meses apenas nove permaneceram até o final da montagem.

Valerio e Ju trabalharam com textos autorais dos participantes e construíram uma dramaturgia coletiva. *Delírios do Tempo*, uma peça que fala sobre vida, morte, existência e amor. Eles trabalharam com a metodologia do Movimento da Palavra desenvolvido por Thais Kuri. Thais é formada em Artes Plásticas pela UnB e dançarina. Cursou diversas disciplinas no Departamento de Artes Cênicas, com as professoras Sulian Vieira e Soraia Maria Silva. Inspirada por elas, escreveu o projeto *O Movimento da Palavra* em 2014, que foi executado pela primeira vez em 2016, com o Fundo de Apoio à Cultura. O método busca investigar performaticamente a sonoridade das palavras e o modo de declamar e dançar o texto. Como ela própria explica:

O projeto previa a realização de uma oficina de formação de 20h, oferecida na Cia Lábios da Lua (Gama-DF), seguida de dez encontros de declamações performáticas em bibliotecas públicas, que culminou na criação do espetáculo “Profunda Superfície”. Esta obra circulou até 2019 por diversos espaços culturais da capital e suas regiões administrativas, passando por modificações ao longo do tempo. Por fim, em 2020 entramos em novo processo criativo, gerando as declamações performáticas “Sertão em Si”, disponíveis em vídeos no canal do **Youtube Cerrado Ecoarte**. (KURI, Thais. 2023 p. 09)

Ju e Valerio participaram das montagens e desde então investigam *O Movimento da Palavra*, trabalhando a dramaturgia do espetáculo *Delírios do Tempo* (imagem XI) a partir dos conceitos de Thais Kuri, chegando num resultado esteticamente lindo, com movimentos limpos e fluidos. O cenário, projetado também por eles, nos remetia uma atmosfera de galáxia, a história nos fazia refletir como as emoções atuam ou não nos delírios do personagem Tempo, questionando a espiralidade dos acontecimentos temporais.



Imagem XI - Folder Delírios do Tempo.

Fonte: Arquivos do Grupo (Produção Miss)



Imagem XII - Delírios do Tempo.

Fonte: Arquivos do Grupo (Produção Miss)

O maior desafio encontrado foram as inseguranças pelo caminho, porém sempre mantendo a consciência de que há um conhecimento intrínseco lá, que vai fluir pois sabe-se do que está falando. E para Valerio esse é um dos ensinamentos mais valiosos do teatro, a busca do desenvolvimento pessoal. Pois se não sabemos de algo buscamos compreender para executar na melhor forma que podemos com nossa identidade, levando em conta diversos conhecimentos, influencia para que possamos permanecer em busca do que acreditamos artisticamente.

Valerio e Ju se sentem realizados em conseguir concluir os 6 meses de oficina. Para Valerio foi um momento de encontro pessoal com a profissão que escolheu. Pois pela primeira vez ele teve autonomia e estrutura para se sentir professor. Ju compartilha do sentimento e eu também. Mesmo participando de poucos encontros nas oficinas, foi gratificante acompanhar o processo de meus colegas e documentar a trajetória deles dois e todos que trabalham e fazem parte dessa história.



Imagem XIII - Roda de conversa na oficina.

Fonte: Arquivos do Grupo (Produção Miss)

Acredito que somos produto das contribuições e experiências que a escola proporcionou a partir dos projetos executados pela Cia Lábios da Lua ao longo desses 30 anos de existência. Todos nós conhecemos o espaço bastante jovens e cada um em seu momento ingressou.

Essa pesquisa acredito ser o começo de uma diversidade de projetos que ainda executarei com a Cia Lábios da Lua. Assim como Márcia Pompeo propõe em seu artigo as

definições de teatro comunitário fundamentada também pela luta de Boal por espaços de construção política e artística, identifico essa busca no trabalho da Cia e na potência da produção local, pois se trata de um espaço que permite que tantos artistas se descubram, dentro de diversas linguagens, a partir de um movimento social desenvolvido para e com a comunidade, tanto local, quanto de outras Regiões Administrativas e cidades do entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória afetiva e social do espaço cultural Cia Lábios da Lua são os principais focos deste trabalho. Em sua longa história, a Cia Lábios da Lua resiste sobretudo pelo amor e dedicação dos que passam pelo espaço e identificam ali um lugar seguro para buscar outras formas de se comunicar e se expressar diante do mundo. Assim, embora as oficinas tenham um propósito formativo, também buscam agregar sempre mais artistas que possam se engajar nos projetos culturais desenvolvidos pela Cia.

Para além do objetivo profissional, todos os projetos e oficinas também se empenham na busca em ampliar a participação das comunidades do Gama, do Distrito Federal e do entorno nas produções locais, ampliando suas perspectivas estéticas e dialogando com os variados temas abordados nos espetáculos, a partir das construções coletivas de conhecimento tanto nos afazeres de manutenção e manuseio do espaço e seus objetos, mas principalmente nas reflexões apresentada nos diálogos e oficinas, cada experiência que vivemos é única e isso enriquece as questões pedagógicas do dia a dia, oportunizando sempre algo novo para aprender e pesquisar.

No que diz respeito às oficinas de teatro desenvolvidas dentro dos projetos Estação da Arte e Vila Sarrafo, a participação da comunidade atravessa diversas realidades, tendo sempre uma adesão bastante ampla. Os grupos se formam com pessoas de várias idades e personalidades, muitos através de professores e da própria escola que divulga, assim como ocorreu quando Valério, Ju e eu nos conhecemos. Ao adentrar a história dos integrantes que se dispuseram a participar das entrevistas, pude me conectar ainda mais com o espaço e sua significância para o cenário cultural e educativo do Distrito Federal e, principalmente do Gama.

Ao dialogar com as ideias de autores e autoras sobre os conceitos de periferia e teatro comunitário, pude refletir todas as características que situam o espaço Cia Lábios da Lua em um âmbito subalterno da produção cultural do DF. As investigações iniciadas com este trabalho não apenas terão continuidade como também já estão reverberando em ações concretas: a partir dessa pesquisa foi proposto à presidente Elis Maria uma ação para o desenvolvimento de oficinas teatrais dentro das escolas dos anos iniciais do ensino fundamental, na próxima edição do projeto Vila Sarrafo em 2023.

O que é palpável concluir neste momento é que o espaço integra um papel colaborativo, social, afetivo e formativo e que a Cia Lábios da Lua tem contribuído efetivamente, nos últimos 30 anos, para a cultura local, para o ensino das artes direta e indiretamente

relacionada à educação pública e de toda população que busca conhecimento artístico acessível.

Acredito que os espaços culturais e grupos de teatro da cidade poderiam se articular e unir forças para que a movimentação cultural da cidade amplie cada vez mais, produzindo festivais de teatro, oficinas, feiras etc. Buscando incluir cada vez mais artistas locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Walquiria Pereira. Teatro e comunidade na periferia de Aparecida de Goiânia.
- BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos *periferia e sujeitos e sujeitos periféricos*. São Paulo, v. 39 n. 1, p. 19-36, jan/abr. 2020.
- FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- JANKEVICIUS, Marcos. **Teatro Comunitário: movimento de cultura popular subalterna**. Trabalho de Conclusão de Curso de pós-graduação. (Curso Gestão de projetos Culturais e Organização de Eventos) - Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.
- KURI, Thais. Dançar em Ritmo de Poesia. Brasília, DF : Ed da Autora, 2023.
- NOGUEIRA, Marcia Pompeo. Tentando definir o teatro na comunidade. In: MENCARELI, Fernando (org.) **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas**. Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. Belo Horizonte: Editora Fapi, p. 263-266. 2006.
- Uberlândia, v. 4 n. 3, p. 170-182, jul/dez. 2017.
- QUIJANO, Aníbal. Dossiê América Latina. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. Estudos Avançados 19 (55), 2005. Tradução de Gênese Andrade. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/KCnb9McPhytSwZLLfyzGRDP/?lang=pt>
- VELOSO, Graça. Os saberes da cena e o recorte da pedagogia do teatro: Uma possibilidade metodológica. In: HARTMANN, Luciana. VELOSO, Graça. **O teatro e suas pedagogias: Práticas e reflexões**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2016.

ANEXO I

Ata da Assembleia Geral Extraordinária de 10/05/2022

Companhia Lábios da Lua



ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 10/05/2022
COMPANHIA LÁBIOS DA LUA

008173



Aos dez dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e dois (10/05/2022), às 16h:00, em primeira convocação, na sede da Companhia Lábios da Lua, situada na Quadra 04, Lote 16, Lojas C e D, Setor Sul Comercial, Gama – Brasília – DF. CEP: 72.415-200, reuniram-se os associados (conforme lista de presença anexa) em Assembleia Geral Extraordinária, sob a Presidência da Senhora Elis Maria Barbosa Mendes, para tratar do seguinte assunto:

1) Alteração de sua Razão Social no instrumento constitutivo da associação: o Estatuto Social.

A reunião iniciou-se com a Senhora Presidente, agradecendo aos associados presentes pelos bons préstimos e pelo zelo para com o bom nome da instituição e comunicando a pauta da Assembleia Extraordinária. Em seguida passou-se a discutir a pauta única acerca da alteração da Razão Social da instituição. A Presidente então informou a pauta da AGE:

- Altera-se a partir da assinatura desta Ata, no Capítulo 1, Artigo 1º do Ato Constitutivo da instituição, o Estatuto Social, referente à denominação social da **COMPANHIA LÁBIOS DA LUA**, onde passará a ser **ASSOCIAÇÃO COMPANHIA LÁBIOS DA LUA** com nome de fantasia **CIA LÁBIOS DA LUA**.

Transcorrido o debate acerca das opiniões dos presentes sobre o nome escolhido e após apuração dos votos favoráveis, fica aprovado por unanimidade o novo texto do Estatuto Social, que acompanhará esta Ata, em formato **consolidado** para o envio ao cartório, o respectivo registro e outras providências necessárias.

A Sra. Presidente Elis Maria Barbosa Mendes, informou que trabalhará para que a associação alcance seus objetivos estatutários na busca de novos projetos com parcerias públicas e/ou privadas.

**glábios
dalua**

ESTATUTO SOCIAL 008173

COMPANHIA LÁBIOS DA LUA

**CAPÍTULO I
DA DENOMINAÇÃO, SEDE, FORO E FINS**



Art. 1º - A Companhia Lábios da Lua, uma associação de direito privado, com fins não econômicos e/ou sem fins lucrativos, fundada em 25 de junho de 1992 e registrada sob o nº 0921 no Cartório 1º Ofício de Notas, Registro Civil e Títulos e Documentos do DF – Núcleo Bandeirante – Brasília - DF, CNPJ número 01.936.925/0001-01, com sede e foro na Quadra 04 Lote 16 Lojas C e D, Setor Sul Comercial - Gama – Brasília – DF, e duração por tempo indeterminado, podendo constituir filiais em qualquer unidade da federação, que a partir da assinatura deste, fica alterada sua razão social para **Associação Companhia Lábios da Lua** e adorará o nome de fantasia **Cia Lábios da Lua**.

Art. 2º - A Associação Companhia Lábios da Lua, tem por finalidade:

- a) **A Cultura** – Criar, desenvolver, promover, produzir, realizar, executar e divulgar eventos, produtos e bens artístico-culturais; contratar e ou representar artistas, espetáculos e shows; resgatar, valorizar e preservar a memória, hábitos e costumes, do patrimônio material e imaterial da cultura e da arte do povo brasileiro, a circulação destes bens e o intercâmbio destes com outras culturas e povos;
- b) **A Educação** – Preparar, treinar e aprimorar o indivíduo, associados e comunidade em geral através de palestras, cursos, seminários, oficinas experimentais que cultive o surgimento e descoberta de novos profissionais, cientistas e artistas; projetos, atividades e campanhas educativas; cadastros, treinamentos, convênios e contratos para efetivar projeto programas para o menor aprendiz e estágio com vistas a estimular o empreendedorismo juvenil e acesso ao primeiro emprego; criação de acervos e incentivo a leitura, buscar a erradicação do analfabetismo e mudanças de hábitos para o pleno exercício da cidadania;
- c) **O Social** – Propor, pesquisar, desenvolver e realizar atividades, campanhas, projetos e ações de incentivos ao empreendedorismo com vistas a promover inclusão digital, social, cultural e econômica; a profissionalização, resgate e socialização de jovens e adultos, inclusive aqueles em situação de risco, de líderes comunitários e da comunidade em geral; promover campanhas educativas; incentivo a doação de sangue e órgãos em parceria com o governo; as terapias ocupacionais para a terceira idade, dependentes químicos e indivíduos em processo de recuperação e convalescência; treinamento, capacitação e ocupação profissional com vista à geração de emprego e renda para o indivíduo e seu núcleo familiar, para o aprimoramento do exercício da cidadania, através da integração responsável do indivíduo na coletividade;
- d) **O Ambiental** – Desenvolver campanhas, projetos, atividades e ações que visem proteger, recuperar e preservar o meio ambiente, inclusive diminuir a impermeabilidade do solo no meio urbano; recuperar e preservar o patrimônio natural, paisagístico, histórico e arqueológico; promover a educação ambiental, orientar o indivíduo para uso sustentável dos recursos naturais, de forma a

Quadra 04 – Lote 16 – Lojas C e D – Setor Sul Comercial CEP 70.415-200 – Gama – DF
CNPJ 01.936.925/0001-01
companhialabiosdalua@gmail.com (61) 3384-7802

Lábios da Lua

conhecer e reconhecer a poluição e a degradação ambiental; orientar e incentivar práticas de agricultura familiar, criar e incentivar a criação de bancos de sementes e mudas, em especial as nativas, para o plantio e o replantio, recuperação e preservação de nascentes, margens e áreas desmatadas ou degradadas; orientar a comunidade em geral por meio de palestras, cursos, campanhas e outras atividades formativas e informativas sobre o tema e também separação dos resíduos, seu reaproveitamento e sua destinação;

e) **O Turismo** – Atuar nas questões turísticas promovendo excursões, ações e atividades com orientação educativa de visitação e apreciação do patrimônio, da memória material e imaterial dos povos; estabelecer parcerias, contratar e conveniar com o governo, iniciativa privada, terceiro setor e demais agentes; promover cursos, seminários, palestras, oficinas, caminhadas e passeios;

f) **O Esporte** – Criar, propor, promover, gerenciar, contratar, agenciar, representar, estabelecer parcerias, convênios e contratos com órgãos governamentais, privados e do terceiro setor, atletas, clubes, federações e confederações do setor esportivo local, nacional e internacional; defender a criação de espaços esportivos, resgate da memória, prática e registro dos jogos, brincadeiras populares e infantis e; realizar competições nas mais variadas modalidades de esporte, inclusive os radicais, estimular a prática de esportes em todas as idades; resgatar a autoestima e adoção de hábitos saudáveis, transformando esta, em oportunidade de mudança de rumos e inclusão social do indivíduo;

Parágrafo Único – No desenvolvimento de suas atividades, a Cia Lábios da Lua observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência, e não fará qualquer discriminação de raça, cor, gênero ou religião.

CAPÍTULO II DOS ASSOCIADOS



Art. 3º - A Associação Companhia Lábios da Lua é constituída por número ilimitado de associados, distribuídos nas seguintes categorias:

008173

- I – Associado Fundador;
- II – Associado Efetivo;
- III – Associado Benemérito.

Parágrafo Único – São requisitos para admissão dos associados que os mesmos tenham residência fixa no país e sejam idealizados com os objetivos da instituição. Considera-se falta grave passível de demissão e/ou exclusão, o associado que cometer pelo menos uma das infrações:

- a) faltar a três assembleias gerais ordinárias ou extraordinárias consecutivas ou a cinco alternadas;
- b) causar dano moral ou material a associação;
- c) não cumprir com seus deveres estatutários.

Art. 4º - Associado Fundador é aquele que tenha assinado a ata de constituição e consolidado a idealização da instituição.

Quadra 04 – Lote 16 – Lojas C e D – Setor Sul Comercial CEP 70.415-200 – Gama – DF
CNPJ 01.936.925/0001-01
companhialabiosdalua@gmail.com (61) 3384-7802